



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO - DECOM
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

**INGRID LUANA CABRAL DE SOUTO
LUIZ ANTÔNIO VIANA FARIAS**

**ONDE A HISTÓRIA MORA: O MUSEU HOMEM DO CURIMATAÚ COMO
PERPETUADOR DA MEMÓRIA CUITEENSE**

**CAMPINA GRANDE - PB
2025**

**INGRID LUANA CABRAL DE SOUTO
LUIZ ANTÔNIO VIANA FARIAS**

**RELATÓRIO DO DOCUMENTÁRIO “ONDE A HISTÓRIA MORA: O MUSEU
HOMEM DO CURIMATAÚ COMO PERPETUADOR DA MEMÓRIA CUITEENSE”**

Relatório do Documentário apresentado ao Curso de Graduação em Jornalismo do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Kleyton Jorge Canuto

**CAMPINA GRANDE - PB
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S728o Souto, Ingrid Luana Cabral de.

Onde a história mora [manuscrito] : o museu Homem do Curimataú como perpetuador da memória Cuiteense / Ingrid Luana Cabral de Souto, Luiz Antônio Viana Farias. - 2025.

38 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2025.

"Orientação : Prof. Dr. Kleyton Jorge Canuto, Departamento de Comunicação Social - CCSA".

1. Museu Homem do Curimataú. 2. Memória coletiva. 3. Audiovisual. 4. Identidade cultural. 5. Documentário. I. Título

21. ed. CDD 070.4

INGRID LUANA CABRAL DE SOUTO
LUIZ ANTÔNIO VIANA FARIAS

ONDE A HISTÓRIA MORA: O MUSEU HOMEM DO CURIMATAÚ COMO
PERPETUADOR DA MEMÓRIA CUITEENSE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Jornalismo da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharela em Jornalismo

Aprovada em: 11/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Ada Kesea Guedes Bezerra** (***.398.594-**), em **02/07/2025 12:34:15** com chave **02d918c2575a11f0b35f06adb0a3afce**.
- **Rostand de Albuquerque Mélo** (***.760.324-**), em **02/07/2025 12:04:00** com chave **c940d4aa575511f0986206adb0a3afce**.
- **Kleyton Jorge Canuto** (***.938.564-**), em **02/07/2025 10:56:24** com chave **579b7778574c11f0a3891a7cc27eb1f9**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 02/07/2025

Código de Autenticação: c09926



Ingrid Souto

Santo Agostinho disse que só sente saudade quem ama e só é saudade quem foi amor. Minha vida é uma eterna saudade daquele que foi amor do início da minha vida ao fim da sua. Em cada pequena conquista, sinto seu cuidado e proteção. Ao meu amor maior, meu herói e minha maior saudade, dedico.

Luiz Farias

A Saulo e Ester, que trouxeram cor ao meu mundo nos dias cinzentos. Cada passo até aqui foi mais leve porque vocês estavam presentes, mesmo sem saber o quanto isso significava pra mim.

AGRADECIMENTOS

Ingrid Souto

Ao iniciar estes agradecimentos, não poderia deixar de mencionar Luiz Farias, meu amigo de longa data, da faculdade, e hoje, meu parceiro nesta jornada tão significativa. Sua presença foi mais do que essencial, sendo abrigo nos momentos de dúvida, impulso nas horas difíceis e alegria nos pequenos triunfos ao trilhar este caminho. Sem o seu companheirismo, sua amizade e sua paciência, este trabalho não teria se concretizado. A você minha gratidão e amizade.

Aos amigos que tornaram a jornada universitária mais leve e divertida, minha sincera gratidão. Em especial, Gabriel Abdon e Emanuely Lucena. Obrigada por cada riso compartilhado, por cada palavra de apoio nos momentos difíceis e, sobretudo, por não permitirem que eu perdesse a cabeça nos dias mais turbulentos. Ter vocês ao meu lado foi um presente que tornou essa caminhada muito mais bonita.

Aos meus professores ao longo da graduação, em nome de Ada Guedes e Rostand Melo, minha banca avaliadora, deixo minha mais sincera e profunda gratidão. Obrigada por acreditarem no meu potencial, mesmo quando eu própria duvidava, e por enxergarem além das dificuldades, sempre buscando extrair o melhor de mim. Cada palavra de incentivo, cada ensinamento e gesto de confiança fez diferença e contribuiu, de forma única, para a construção desta caminhada que agora se concretiza.

Ao meu orientador, Kleyton Canuto, agradeço profundamente pela confiança depositada em mim, em Luiz e neste trabalho. Sua orientação vai além do âmbito acadêmico — é um gesto de reconhecimento e valorização que permite a Cuité ser enxergada e valorizada como merece.

À Rafael do Valle, Isack Bruno e Mônica Carvalho, equipe da Secretaria de Comunicação de Cuité, que me acolheram em 2022 e, desde então, além de me ajudarem no crescimento profissional, se tornaram grandes amigos e incentivadores. Sem vocês, com certeza, eu não seria tão jornalista como sou agora.

À Giovanna Quaresma e Eduardo Gregatti, que além de amigos se tornaram irmãos que meu coração escolheu durante a caminhada. Obrigada por me ouvirem em cada momento, seja ele bom ou ruim, acreditar no meu potencial e nunca me deixarem desistir. O amor de vocês atravessa quilômetros diariamente e aquece meu coração.

Ao meu melhor amigo de uma vida inteira, Ronaldo Neto, sua amizade fez tudo ser mais bonito. Nos últimos anos, nos meus piores e melhores dias, uma das únicas certezas que eu tinha é que você estaria comigo, não importa o que estivesse acontecendo. Nenhuma palavra dita aqui seria suficiente para expressar meu amor e gratidão por seu companheirismo.

Aos meus familiares, que durante toda minha vida me mostraram que meus sonhos eram possíveis. Sem o incentivo e cuidado de vocês eu jamais seria quem sou, como pessoa e como profissional. Minha vida é uma eterna construção e continuidade de todos os ensinamentos que aprendi com vocês.

À Rosângela Cabral, minha doce e amada mãe. Tive a graça divina de ser abençoada com uma mãe que é minha melhor amiga, confidente e apoiadora. Desde cedo entendi que meus sonhos nunca, em nenhum segundo sequer, eram só meus. Lembro de iniciar as aulas presencialmente após a pandemia, quarto período da faculdade, e em alguns dias antes desse retorno me encontrar chorando por medo de não conseguir me manter na faculdade. Nesse dia minha mãe olhou nos meus olhos e disse que nós comeríamos feijão e farinha todos os dias, mas da faculdade eu só iria sair com diploma em mãos. Não chegamos a esse extremo, mas agora esse sonho é mais real que nunca. Minha eterna gratidão, nada disso seria possível sem estar ao seu lado.

Por fim, ao grande amor da minha vida, Gentil Francisco de Souto (*in memoriam*). Em meio a um mundo de pais tão negligentes, tive a benção de ser filha de Gentil – que como o próprio nome diz, era o mais gentil, calmo, paciente, amoroso e todos os adjetivos bons que podem ser citados. Mesmo após onze anos sem sua presença física, sinto seu amor reverberar em mim a cada batida do meu coração. Ele me ensinou a sonhar meus sonhos, lutar pelo meu espaço e, acima de tudo, ser dona do meu próprio nariz, sem depender de um homem para isso. Espero que de onde ele esteja possa sentir orgulho da mulher que me tornei. Nada disso seria possível sem o amor incondicional que eu senti – e sinto – vindo dele. O Céu é logo.

AGRADECIMENTOS

Luiz Farias

Agradeço de coração a minha amiga Ingrid Souto, com quem tive o privilégio de dividir não apenas este trabalho, mas sonhos, desafios e conquistas. Se hoje estou cursando Jornalismo, é porque você acreditou em mim quando eu ainda não enxergava esse caminho. Sua amizade foi luz, incentivo e exemplo desde o início. Obrigado por caminhar ao meu lado durante essa jornada — essa conquista é nossa!

Agradeço a minha mãe, Luciana Viana, o maior exemplo de força que eu poderia ter nessa vida. Sempre te vi de cabeça erguida, não importa o quão difícil estivesse alguma situação, você é a pessoa que eu mais admiro no mundo e um dia eu espero ser forte como você. Você quem me deu colo nos momentos de tristeza, me deu incentivo nos meus momentos de dúvida e sempre celebrou cada conquista minha como se fosse sua. Você é meu exemplo de vida. Eu te amo com todo o meu coração.

Ao meu pai, Valdemir Farias, por deixar a vida mais leve. Você me tirou sorrisos cruciais para que eu pudesse seguir em frente nos momentos difíceis da vida e me ensinou a manter o coração tranquilo quando o resto do mundo tenta nos fazer desistir. Muito obrigado. Eu te amo.

Aos meus irmãos, Saulo e Ester, que são toda a minha força desde antes de nascerem. É por vocês que eu estou aqui hoje, vocês salvaram a minha vida incontáveis vezes, mesmo sem saber disso. Meu coração bate por vocês dois, o amor que eu sinto por vocês é o mais bonito e o mais puro que alguém poderia sentir. Sinto que vocês foram o maior presente que eu poderia receber na minha vida. Eu amo vocês de corpo e alma.

Aos meus avós, Francisca, Leda e Valdir, que com os corações repletos de sabedoria, me ensinaram que os sonhos são construídos com paciência e coragem. Obrigado por serem meu exemplo silencioso de amor e perseverança.

Meus amigos, que se fizeram presentes nos momentos em que eu precisava e que compreenderam minha ausência quando a mesma foi necessária. Em especial a Natasha Kuczkowski, que durante toda essa jornada tão importante da minha vida, segurou minha mão e não me deixou abaixar a cabeça em momento algum. Obrigado por todas as noites em claro que você passou ao meu lado, por toda a ajuda que você me deu quando necessário e acima de tudo, por acreditar no meu potencial.

Aos mestres que tive ao longo desta jornada, agradeço por cada conhecimento transmitido, por cada desafio proposto e por contribuírem para a construção do meu saber. Em especial, agradeço ao professor Kleyton Canuto, seu papel foi determinante para a realização deste trabalho.

“Eu sou muito feliz,
Eu sou paraibano.”
Paraíba Jóia Rara (Ton Oliveira)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar a importância do Museu Homem do Curimataú, localizado em Cuité, no interior paraibano, como espaço de preservação e construção da memória coletiva e da identidade cultural regional. A proposta articula teoria, prática e afetividade por meio da produção de um documentário audiovisual que busca valorizar a trajetória histórica do povo cuiteense. O estudo compreende o museu como um lugar de memória que, aliado à linguagem audiovisual, amplia as possibilidades de representação, acesso e significação do patrimônio cultural. O documentário resultante, intitulado "*Onde a História Mora*", oferece uma narrativa sensível e educativa sobre o papel do MHC na preservação do passado e na mediação simbólica entre comunidade, história e futuro.

Palavras-chave: Museu Homem do Curimataú; memória coletiva; audiovisual; identidade cultural; documentário.

ABSTRACT

The present work aims to demonstrate the importance of the Museu Homem do Curimataú, located in Cuité, in the Paraíba hinterland, as a space for the preservation and construction of collective memory and regional cultural identity. The proposal integrates theory, practice, and affectivity through the production of an audiovisual documentary that seeks to highlight the historical trajectory of the people of Cuité. The study understands the museum as a place of memory which, when combined with audiovisual language, broadens the possibilities for representation, access, and the meaning of cultural heritage. The resulting documentary, titled "Where History Lives", offers a sensitive and educational narrative about the role of the MHC in preserving the past and serving as a symbolic bridge between the community, history, and the future.

Keywords: Museu Homem do Curimataú; collective memory; audiovisual; cultural identity; documentary.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Horários de Gravação.....	29
--------------------------------------	----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Ambiente de gravação.....	32
Figura 2 - Museu Homem do Curimataú.....	33
Figura 3 - Entrevista com Eduardo Farias.....	34
Figura 4 - Entrevista com Eduardo Farias.....	34
Figura 5 - Edição do material.....	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MHC - Museu Homem do Curimataú

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 JUSTIFICATIVA	17
3 NARRATIVAS DE MEMÓRIA: DIÁLOGO ENTRE MUSEOLOGIA E AUDIOVISUAL	18
4 METODOLOGIA	21
5 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO	23
5.1 PRODUÇÃO	23
5.2 OBSTÁCULOS	24
5.3 FILMAGEM	25
5.4 DECUPAGEM DA FOTOGRAFIA	30
6 MUSEU VIVO: QUEM FAZ NOSSA HISTÓRIA?	31
6.1 ANDRÉ SANTOS.....	31
6.2 ISRAEL ARAÚJO	31
6.3 EDUARDO FARIAS	32
7 DETALHAMENTO TÉCNICO	33
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala sobre museologia, entra-se em debate uma ciência que vai muito além da contação de histórias. Os museus, nos dias atuais, são espaços de extrema importância, principalmente por serem lugares onde se constroem memórias e se preservam lembranças. A função dos museus não se limita ao armazenamento de objetos antigos; eles se tornam instituições de caráter simbólico e social, onde a memória coletiva é construída, representada e transmitida.

Para fundamentar esta pesquisa, foram utilizados referenciais teóricos de autores consagrados nas áreas de museologia, memória, audiovisual e narrativa, tais como Anthony Q. Artis (2011), Jean-Claude Bernardet (2003), Maria Teresa Azevedo de Fonseca (1998), Bill Nichols (2010), Pierre Nora (1993), Paul Ricœur (2007), Robert A. Rosenstone (2010) e Annette Simmons (2006). O aporte dessas obras possibilitou um aprofundamento conceitual acerca do papel dos museus como espaços de memória, da construção e preservação da memória coletiva, bem como das potencialidades do audiovisual e do storytelling na transmissão e vivência do patrimônio cultural.

Neste contexto, a noção de "lugares de memória", conforme formulada por Nora (1993), revela-se central para a compreensão do papel dos museus na contemporaneidade. Para o autor, os lugares de memória são, antes de tudo, restos – aquilo que persiste e resiste diante da efemeridade da experiência humana. Ele define esses lugares como formas extremas onde subsiste uma consciência comemorativa, surgida numa história que a convoca precisamente porque a ignora. Trata-se, segundo Nora, da emergência de uma consciência histórica motivada pela desritualização do mundo moderno, a qual dá origem à necessidade de fixar a memória por meio de suportes concretos, sejam eles materiais ou simbólicos.

O autor salienta que essa necessidade de manter viva a memória decorre da perda da espontaneidade da lembrança. Já não se confia apenas na transmissão oral ou na memória individual; é preciso instituir mecanismos que assegurem a preservação do passado. Assim, torna-se necessário criar arquivos, registrar datas, formalizar celebrações e empregar todos os métodos possíveis para que a memória não se perca. Nora (1993) destaca que aquilo que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta e mantém, ainda que artificialmente, uma memória coletiva, é motivado por uma vontade de preservação diante de uma realidade em constante transformação.

Compreendendo a necessidade humana de criar mecanismos que preservem e eternizem os fragmentos da memória histórica, Fonseca (1998) apresenta o audiovisual como uma estratégia eficaz de apropriação do conhecimento. Segundo o autor, os recursos

audiovisuais não apenas facilitam o entendimento das informações veiculadas, como também ampliam as possibilidades de mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento histórico. Por meio da articulação entre imagem, som e narrativa, o audiovisual permite que o conteúdo ganhe densidade interpretativa, favorecendo a construção de significados por parte do telespectador. Dessa forma, o uso do audiovisual constitui uma alternativa relevante para a transmissão de memórias, especialmente em contextos museológicos e educativos, onde o objetivo é não apenas informar, mas também sensibilizar e provocar reflexões a partir da experiência estética e cognitiva proporcionada.

Neste sentido, o documentário audiovisual pode ser compreendido como uma extensão dos lugares de memória, tal como os museus. Enquanto espaços físicos já concentram os vestígios materiais da memória, o audiovisual amplia o alcance dessas memórias ao torná-las acessíveis a diferentes públicos e contextos. A indagação proposta, portanto, é: até onde essa memória, conservada no espaço museológico, está sendo efetivamente compartilhada e compreendida pela sociedade?

Um exemplo concreto dessa relação entre memória e museologia – e a partir deste projeto, o audiovisual – é o Museu Homem do Curimataú, localizado na cidade de Cuité. Fundado em 2010, o museu dedica-se à preservação da história do povo cuitense e da região do Curimataú paraibano. Está instalado no antigo prédio do Cuité Clube e carrega consigo não apenas os objetos expostos, mas também as marcas do tempo e das vivências sociais que ali ocorreram. Cada elemento presente no museu – do acervo físico à própria arquitetura – constitui um fragmento da memória local, revelando a importância de sua preservação e divulgação.

Assim, compreende-se que o museu, aliado às possibilidades do audiovisual, pode ser um instrumento de salvaguarda e difusão da memória coletiva, respondendo à demanda apontada por Nora (1993) e articulando-se com os recursos sugeridos por Fonseca (1998). O desafio, portanto, reside em transformar o acervo estático em narrativa acessível, viva e relevante para as gerações atuais e futuras.

Este trabalho tem como objetivo central demonstrar a importância do Museu Homem do Curimataú para a construção e preservação da memória histórica e cultural da sociedade cuitense, utilizando o documentário audiovisual como principal ferramenta de mediação e divulgação desse patrimônio. Para alcançar este propósito, busca-se investigar o papel do Museu na preservação da memória local, analisar as contribuições do audiovisual como instrumento de mediação capaz de ampliar o acesso e o interesse do público pelo acervo museológico, bem como desenvolver e apresentar um documentário que registre e valorize a relevância do museu na história regional

Os resultados obtidos evidenciam que o MHC desempenha um papel fundamental na preservação da memória coletiva e na afirmação da identidade cultural da população local. A produção do documentário audiovisual mostrou-se uma ferramenta eficaz para ampliar o alcance do acervo museológico, proporcionando uma mediação sensível e acessível que aproxima o público da história regional. Apesar dos desafios enfrentados durante a realização do projeto, como dificuldades na obtenção de depoimentos e limitações de agenda, a experiência reforça a importância da convergência entre museologia, memória e recursos audiovisuais para a valorização do patrimônio cultural. Dessa forma, o trabalho, que conta com a duração de 12 minutos, contribui para fortalecer os laços afetivos entre a comunidade e seu legado histórico, evidenciando o potencial do audiovisual como instrumento de divulgação, educação e engajamento social.

2 JUSTIFICATIVA

A motivação para a realização deste documentário nasce de uma vivência profundamente pessoal e afetiva. Enquanto cuitenses, crescemos tendo o Museu Homem do Curimataú como uma referência simbólica e educativa em nossa formação. Durante nossa infância e adolescência, esse espaço foi cenário de diversas visitas escolares organizadas por professores de História, nas quais tivemos o primeiro contato com os vestígios materiais e imateriais da trajetória do povo do Curimataú paraibano. Mais do que momentos de aprendizado, essas experiências nos proporcionaram conexões afetivas com a história de Cuité, reforçando um sentimento de pertencimento.

Além da motivação pessoal, este projeto possui também um propósito acadêmico e social. Do ponto de vista acadêmico, a realização do documentário representa a oportunidade de aplicar, de forma prática, os conhecimentos jornalísticos adquiridos ao longo da formação universitária. Trata-se da produção de conteúdo cultural e informativo com enfoque em um patrimônio que, embora de grande importância, é frequentemente negligenciado pela mídia tradicional. Ao adotar uma abordagem comprometida com a narrativa local, o projeto busca também contribuir para a descentralização da produção midiática, valorizando vozes e histórias do interior paraibano.

No aspecto social, o projeto se propõe como uma forma de retribuição simbólica à cidade. Ao construir uma narrativa sensível, acessível e visualmente expressiva sobre o Museu Homem do Curimataú, buscamos estimular a consciência coletiva sobre a importância da preservação histórica. O documentário, portanto, não é apenas uma peça audiovisual, mas uma ferramenta de sensibilização e fortalecimento do sentimento de pertencimento comunitário. Nossa intenção é que, ao assisti-lo, os moradores de Cuité possam se reconhecer, reencontrar suas origens e se sentir parte de uma história que, por vezes, permanece invisível nos registros oficiais.

3 NARRATIVAS DE MEMÓRIA: DIÁLOGO ENTRE MUSEOLOGIA E AUDIOVISUAL

Refletir sobre o papel do Museu Homem do Curimataú exige mais do que descrever seu acervo ou sua arquitetura: exige compreender o museu como espaço de disputa simbólica, como lugar de enunciação da memória coletiva e da identidade regional. Para isso, é necessário que os campos da memória, da história, da linguagem audiovisual e da representação dialoguem entre si.

O ponto de partida é a compreensão do museu como um lugar de memória, no sentido formulado por Pierre Nora (1993). Segundo ele, tais lugares emergem num momento histórico em que a memória espontânea, comunitária e vivida já não é mais suficiente para sustentar os vínculos identitários. A memória, então, passa a ser cultivada, preservada e institucionalizada. Nora nos diz que “a memória é sempre um fenômeno atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado” (NORA, 1993, p. 9). Essa distinção encontra eco na obra de Paul Ricœur (2007, p. 95), que acrescenta que toda memória é, inevitavelmente, uma reconstrução. Para Ricœur, o ato de lembrar está entrelaçado com o de esquecer, e por isso a memória carrega sempre um potencial ético: “a memória verdadeira é aquela que responde à exigência de justiça em relação ao passado”.

É nesse ponto que os dois autores se encontram: tanto Nora (1994) quanto Ricœur (2007) compreendem a memória não como algo que simplesmente se conserva, mas como algo que se constrói, se disputa e se reescreve constantemente. O MHC, ao selecionar objetos, narrativas e representações do povo do Curimataú Paraibano, está, portanto, não apenas armazenando memórias, mas também construindo e legitimando um discurso sobre a identidade regional.

Essa construção de sentido pela mediação da memória encontra na linguagem audiovisual um campo fértil de atuação. Bill Nichols (2010) argumenta que o documentário é uma forma de discurso, uma estrutura que organiza a realidade a partir de escolhas narrativas e estéticas. Longe de ser um espelho neutro do real, o documentário é uma prática que interpreta, molda e propõe visões de mundo. Nichols (2010, p. 44) sustenta que “o documentário afirma algo sobre o mundo que habitamos, e o faz por meio de modos distintos de representação”. Aqui, a teoria da memória de Ricœur (2007) conversa diretamente com Nichols (2010): se a memória é uma reconstrução, então o documentário é uma forma audiovisual de memória interpretada.

Robert Rosenstone (2010) leva essa ideia adiante ao defender que a história no cinema não precisa seguir os modelos acadêmicos para ser legítima. Pelo contrário, ela pode — e

deve — explorar o sensível, o afetivo e o poético como formas válidas de conhecimento histórico. Rosenstone (2010, p. 33) observa que “os filmes nos ajudam a sentir o passado, não apenas compreendê-lo conceitualmente”, e essa dimensão afetiva do cinema histórico complementa a crítica feita por Ricœur à separação rígida entre fato e narrativa.

Entretanto, é necessário refletir criticamente sobre quem fala nesse documentário e a partir de que lugar. Aqui, Jean-Claude Bernardet (2003) entra em diálogo direto com Nichols (2010) e Rosenstone (2010) ao apontar o perigo da representação do povo feita sem o povo. Bernardet (2003) denuncia que, historicamente, o cinema brasileiro construiu o povo como uma figura silenciosa, representada a partir da perspectiva das elites. Para romper com isso, ele propõe que as imagens do povo sejam construídas a partir do próprio povo — que fale, que atue, que narre. Esse posicionamento encontra ressonância na proposta de Ricœur (2007) de uma memória justa, e também no compromisso ético do documentário discutido por Nichols (2010). Ou seja, o museu deve ser representado não como objeto, mas como sujeito: seus curadores, visitantes e guardiões da memória devem falar por si, como protagonistas.

A abordagem por entrevistas, conforme propõe Artis (2011), é uma das mais eficazes no campo documental por permitir que a narrativa seja construída a partir das vozes dos próprios sujeitos. Para o autor, as entrevistas vão além de uma função técnica: são instrumentos de escuta ativa e de construção de sentido, especialmente em contextos que buscam dar visibilidade a memórias coletivas. Essa perspectiva dialoga diretamente com Jean-Claude Bernardet (2003), ao denunciar a tradição de representar o povo sem lhe conceder a palavra. Bernardet (2003) propõe uma inversão dessa lógica, defendendo que o povo fale por si, como protagonista de sua própria história. No contexto do Museu Homem do Curimataú, a adoção dessa abordagem permite que as pessoas que fazem o MHC sejam protagonistas e ocupem o centro da narrativa, contribuindo para um documentário que se constrói como espaço de enunciação partilhada, onde memória e identidade são afirmadas por quem as vive cotidianamente.

O ciclo se fecha com a contribuição de Fonseca (1998), que nos lembra que o sentido da obra documental se completa na recepção. Para a autora, a leitura crítica do audiovisual é uma prática educativa: “o espectador constrói o sentido a partir de seu repertório cultural, e essa construção é também uma forma de resistência” (FONSECA, 1998, p. 36). Assim, a proposta deste documentário não é apenas um espelho da memória local, mas uma intervenção pública que ativa consciências, gera pertencimento e mobiliza afetos.

Todos esses autores, portanto, compartilham um entendimento comum: a memória é uma construção simbólica; o documentário é uma linguagem interpretativa; o povo não é objeto de representação, mas sujeito ativo de sua própria história; e a recepção crítica é parte

fundamental desse processo. O que está em jogo é justamente essa convergência: produzir uma obra que não apenas registre o museu, mas que atue como agente de memória, dispositivo de escuta e ferramenta de formação crítica, alinhando-se às exigências éticas, estéticas e políticas do tempo presente.

4 METODOLOGIA

Este produto midiático adota uma abordagem de documentário baseada em entrevistas, seguindo o conceito de Artis (2011), com o objetivo de compreender o papel do Museu Homem do Curimataú na perpetuação da memória coletiva cuiteense.

Os procedimentos metodológicos adotados compreendem três etapas principais: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo e a produção do documentário. Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica com o intuito de fundamentar teoricamente os conceitos de memória, patrimônio, museologia social e linguagem audiovisual. Para isso, foram mobilizados autores como Nora (1993), que discute a relação entre memória e história a partir dos "lugares de memória" e Ricœur (2007), que aprofunda as relações entre memória, identidade e esquecimento. No campo do audiovisual, foram referências centrais os estudos de Nichols (2010), que analisa o documentário enquanto representação da realidade, Rosenstone (2010), que discute os vínculos entre história e cinema, e Bernardet (2003), que reflete sobre o uso do documentário no contexto brasileiro como instrumento de registro e crítica social.

A segunda etapa corresponde à pesquisa de campo, realizada na cidade de Cuité, com foco no acervo e nas atividades desenvolvidas pelo Museu Homem do Curimataú. Foram realizadas visitas técnicas ao museu, com observação participante, registros visuais, além da condução de entrevistas com gestores da instituição e historiadores. Essas entrevistas buscaram captar percepções e memórias relacionadas ao museu, sua história e sua importância para a identidade cultural da região. Os dados obtidos foram registrados em diário de campo, com o intuito de subsidiar a construção narrativa do documentário.

A terceira etapa consistiu na produção do documentário audiovisual, concebido como um instrumento de mediação entre a pesquisa acadêmica e o público em geral. A realização do documentário seguiu as fases de roteirização, captação de imagens e sons, edição e pós-produção. A roteirização foi orientada pelas categorias temáticas emergentes da análise das entrevistas e do conteúdo documental, priorizando elementos ligados à memória social, identidade regional e resistência cultural. A captação foi realizada com equipamentos de vídeo e áudio em qualidade semi profissional. A edição foi conduzida por meio de softwares específicos, como Capcut Pro, respeitando princípios éticos e estéticos da linguagem documental. O produto final possui cerca de 15 minutos de duração e está estruturado de forma a oferecer uma narrativa acessível, informativa e sensível sobre o museu e seu entorno social.

Todas as etapas da pesquisa foram conduzidas de acordo com princípios éticos, além da utilização de termos de consentimento livre e esclarecido para o uso de imagem, voz e declarações. A produção do documentário, além de cumprir uma função investigativa, busca também atuar como ferramenta de valorização da memória coletiva e do patrimônio cultural regional, ampliando o alcance social da pesquisa acadêmica.

5 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

5.1 PRODUÇÃO

O tema deste documentário começou a ser delineado ainda no ano de 2024, quando dois cuitenses, movidos por sua ligação afetiva com sua cidade, decidiram desenvolver uma proposta audiovisual que retratasse aspectos significativos da história e cultura local. Cuité, reconhecida por sua beleza singular, é também um celeiro de manifestações culturais e de sujeitos que compreendem e valorizam esse patrimônio imaterial. Nos últimos anos, essa valorização tem se intensificado, revelando um movimento crescente de afirmação identitária e preservação cultural.

O interesse pelo audiovisual surgiu justamente por seu protagonismo crescente no município. Cuité tem se consolidado como um polo emergente¹ da produção audiovisual à nível estadual, o que nos motivou a investigar um tema que dialogasse com esse contexto. Foi em meio a conversas informais que surgiu a ideia de tomar como objeto de estudo o Museu do Homem do Curimataú, espaço emblemático da cidade e símbolo de resistência e preservação da memória local.

O MHC é um lugar que integra a trajetória de grande parte da população cuitense. Praticamente todo jovem da cidade já foi conduzido ao museu por professores ou o visitou por iniciativa própria. O espaço, para além de sua arquitetura, narra a história de um povo por meio de seu acervo e relatos. As memórias ali contidas não se restringem a um passado remoto e desconectado da vivência atual, mas sim a um passado que dialoga com o presente, por sua proximidade e relevância. As raízes históricas de Cuité, que neste ano de 2025 completa 257 anos de fundação, remontam aos povos originários e atravessam gerações – dos avós aos pais, e destes aos filhos –, mantendo-se como herança viva em constante construção.

A partir dessa perspectiva, nasce o *Onde a História Mora*. Neste trabalho, o Museu do Homem do Curimataú é apresentado não como um espaço estático, preso unicamente às memórias do passado, mas como uma instituição dinâmica, que preserva o passado, observa o presente e projeta-se para o futuro. Trata-se de um espaço vivo, cuja importância é reafirmada pelos depoimentos dos personagens entrevistados. Por meio deles, procuramos dar voz à população cuitense, para que ela possa afirmar sua identidade, sua origem e o valor de sua história.

¹ Cuité tem se firmado como um polo audiovisual emergente, graças ao impulso do evento anual Curta Cuité e das leis de incentivo à cultura do Governo Federal, que fomentam a produção local. Diretores em ascensão, como Gustavo Moura (*Sino dos Ventos*) e Darley Matias (*O Menino da Pedra*), têm ganhado destaque, ao lado de nomes consolidados como Ismael Moura, cujo curta *Ilha* acumula diversos prêmios regionais e nacionais.

5.2 OBSTÁCULOS

Durante o processo de produção e gravação do documentário, diversas dificuldades foram enfrentadas, especialmente no que se refere à obtenção de depoimentos de fontes previamente mapeadas. A principal limitação consistiu na dificuldade de contato com o atual diretor do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande (CES/UFCG), cuja participação era considerada estratégica por ter exercido a função de diretor à época da fundação do Museu Homem do Curimataú. A presença desse entrevistado conferiria ao documentário uma dimensão institucional relevante, proporcionando um olhar técnico e administrativo sobre o processo de criação do museu.

Paralelamente, outro desafio foi a impossibilidade de gravação com um professor previamente selecionado, cuja experiência e vínculo com a história local também enriqueceriam a narrativa. Em decorrência de problemas de saúde, precisou adiar a entrevista em diversas ocasiões, o que comprometeu a viabilidade de sua participação dentro do cronograma para a finalização do projeto audiovisual. Diante dessas adversidades, a equipe optou por uma reconfiguração da abordagem, convidando o professor Eduardo Farias para entrevista.

A inclusão de Eduardo representou não apenas uma solução para o obstáculo, mas também uma valiosa contribuição ao conteúdo do documentário. Além de sua formação acadêmica e atuação docente, traz em sua trajetória pessoal uma vivência direta com o contexto histórico do município de Cuité. Tendo sido adolescente na cidade no período de fundação do MHC, ele pôde compartilhar memórias afetivas e impressões autênticas sobre o impacto do museu na comunidade local. Sua perspectiva contribui, portanto, para uma leitura mais sensível e humanizada da história, estabelecendo conexões entre o passado vivido e o presente narrado.

O fator *tempo* também se constituiu como um desafio recorrente ao longo da produção. Os compromissos cotidianos externos ao projeto, dificultaram a compatibilização de agendas entre os integrantes da equipe. A conciliação desses horários exigiu um esforço contínuo de organização e flexibilidade. Em uma das entrevistas, por exemplo, a integrante Ingrid não pôde comparecer devido ao seu horário de trabalho na Prefeitura Municipal, Luiz conduziu a gravação de forma eficiente. Com o avanço das etapas de produção, a equipe desenvolveu estratégias de cooperação e divisão de tarefas que possibilitaram a execução satisfatória do projeto, mesmo diante de um cenário marcado por adversidades.

5.3 FILMAGEM

As filmagens do documentário foram organizadas a partir de um cronograma planejado, que visou equilibrar a disponibilidade dos entrevistados, as condições ideais de iluminação e o tempo necessário para a preparação dos ambientes. A produção ocorreu ao longo do mês de maio, sendo dividida em momentos distintos que atenderam tanto à captação dos depoimentos quanto à coleta de imagens de apoio que auxiliaram na composição narrativa do documentário.

As entrevistas foram realizadas nos dias 9, 14 e 23 de maio, todas no período da tarde. A escolha desse horário se deu pela melhor incidência de luz natural e pela menor movimentação no local, o que favoreceu a criação de um ambiente mais silencioso e controlado para a gravação. Cada sessão foi dedicada a um único entrevistado, permitindo que o espaço fosse previamente organizado de acordo com o conteúdo a ser abordado e com as particularidades de cada entrevista. Esse espaçamento entre as datas possibilitou maior cuidado na preparação dos encontros, no acompanhamento do conteúdo e no posterior processo de organização do material coletado.

No dia 7 de maio, foi realizada uma visita técnica com o objetivo de coletar imagens avulsas que complementam a narrativa central. Nessa ocasião, foram registradas imagens dos ambientes do museu, de seus objetos e elementos, com atenção especial à ambientação que ajuda a contextualizar visualmente os temas abordados nas entrevistas. A visita também serviu para um reconhecimento mais aprofundado do local, já que se tratava da terceira visita ao museu no decorrer da pesquisa. Essa familiaridade permitiu identificar espaços estratégicos para filmagem, prever possíveis interferências externas e aperfeiçoar a relação entre os depoimentos e o espaço representado no documentário.

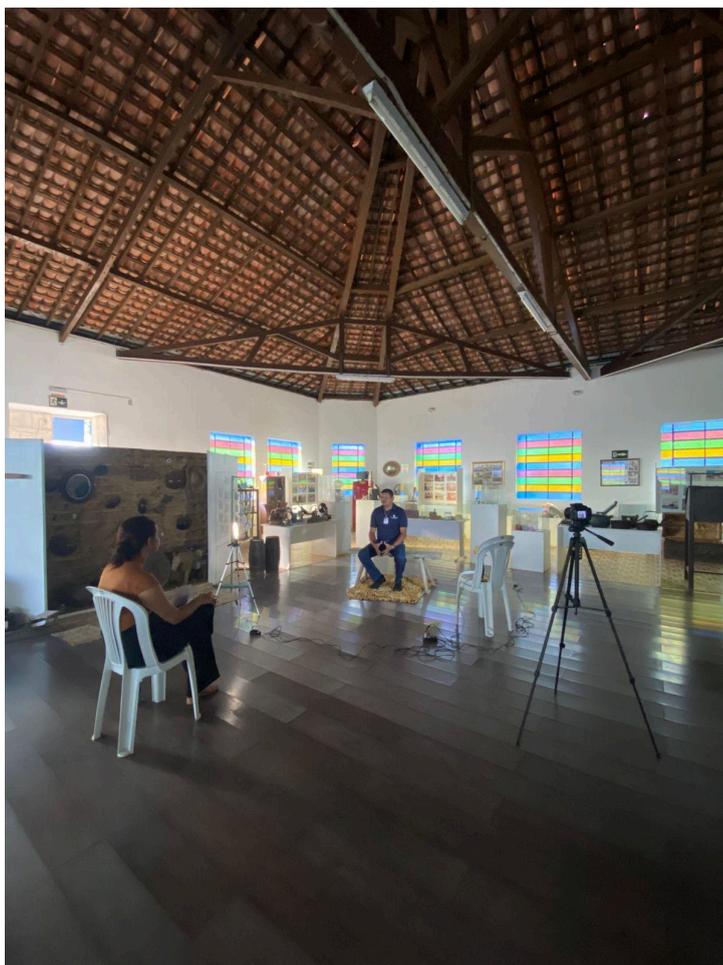
Ao longo das filmagens, buscou-se garantir que a atmosfera do local e a espontaneidade dos entrevistados fossem preservadas, valorizando o caráter documental da obra. A separação das etapas de gravação contribuiu para uma organização mais eficiente do trabalho, refletindo-se na clareza do conteúdo registrado e na coesão entre os diferentes segmentos do material audiovisual.

Tabela 1 - Horários de Gravação.

HORÁRIOS DE GRAVAÇÃO
André Santos – Curador do Museu – 9 de maio de 2025 14h – Museu Homem do Curimataú
Israel Araújo – Diretor do Museu – 14 de maio de 2025 14h – Museu Homem do Curimataú
Eduardo Farias – Historiador e Professor – 23 de maio de 2025 14h – Museu Homem do Curimataú

Fonte: Criado pelos autores (2025).

Figura 1 – Ambiente de gravação.



Fonte: Foto produzida por Luiz Farias através de dispositivo móvel.

Primeiro ambiente de gravação. Na imagem, Ingrid Souto, produtora deste documentário, e André Santos, curador do Museu Homem do Curimataú. Em sua fala, André explica o protocolo quando uma peça nova chega para agregar ao acervo, como é a aceitação do povo cuiteense, a visibilidade do Museu e demais informações contidas no documentário. A entrevista aconteceu no período vespertino da sexta-feira (09/05/2025), durando cerca de 30 minutos.

Ingrid Souto: Roteiro, iluminação, som e montagem.

Luiz Farias: Direção de fotografia, iluminação e montagem.

Figura 2 - Museu Homem do Curimataú.



Fonte: Foto produzida por Ingrid Souto através de dispositivo móvel.

Visita ao espaço do Museu Homem do Curimataú, com intuito de captar imagens avulsas do acervo para compor o documentário. Na imagem, Luiz Farias, produtor deste documentário, gravando a cúpula que armazena objetos de cuitenses doados ao acervo do Museu. A visita aconteceu na quarta-feira (07/05/2025) no período vespertino. A visita foi guiada pelo entrevistado e curador do espaço, André Santos.

Luiz Farias: Direção de fotografia.

Ingrid Souto: Iluminação.

Figura 3 e 4 - Entrevista com Eduardo Farias.



Fonte: Fotos produzidas por Luiz Farias através de dispositivo móvel.

Entrevista com Eduardo Farias, historiador, produtor cultural e professor da Rede Estadual de Ensino. Além de falar da importância do Museu enquanto historiador, Eduardo traz suas vivências enquanto cuiteense que viu o espaço ser fundado, o visitou enquanto aluno e hoje, enquanto professor de história, busca e incentiva a quebra de barreiras entre a escola e o Museu (principalmente pelo paralelo onde a escola onde Eduardo foi aluno e é professor é localizada à frente do Museu). A entrevista aconteceu na sexta-feira (23/05), no período da tarde.

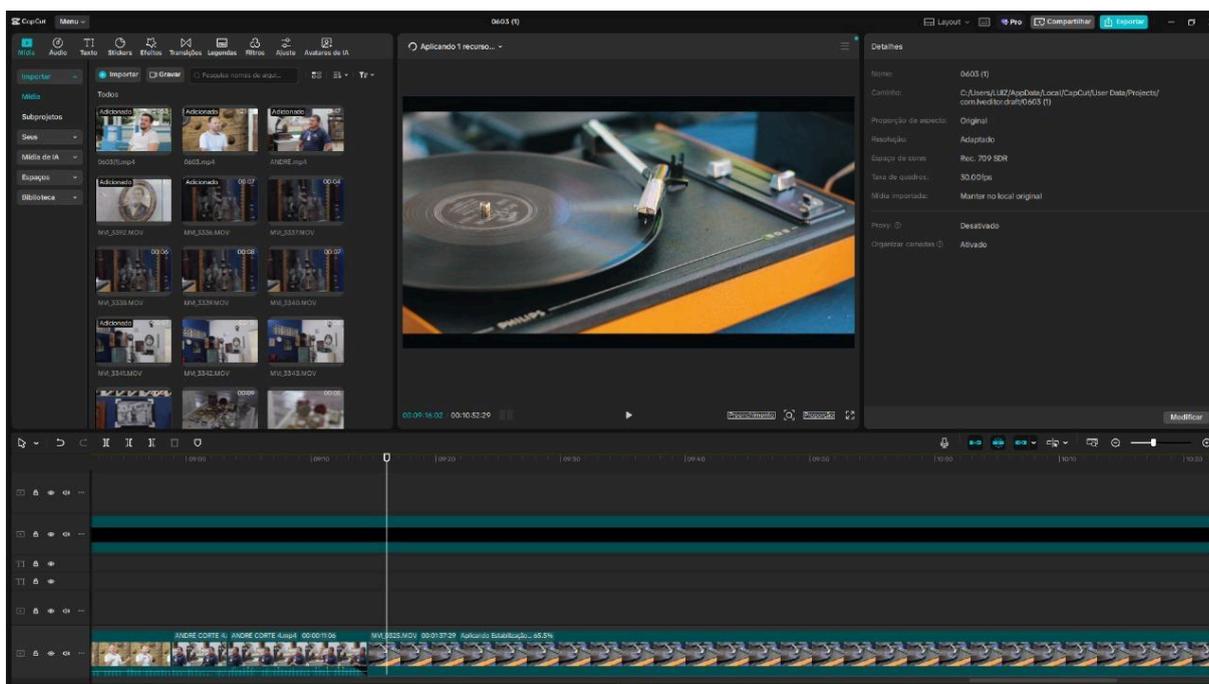
Ingrid Souto: Roteiro, iluminação, som e montagem.

Luiz Farias: Direção de fotografia, iluminação e montagem.

5.4 DECUPAGEM DA FOTOGRAFIA

A decupagem das entrevistas foi realizada por meio da revisão atenta e sistemática das gravações, procedimento no qual cada entrevista foi reassistida integralmente. Durante esse processo, foram identificadas e registradas palavras-chave e expressões significativas de cada segmento discursivo, com o objetivo de capturar os principais núcleos de sentido das falas dos entrevistados. Essa abordagem permitiu a construção de uma *storytelling*² coerente, na qual as falas puderam ser organizadas de forma estratégica, promovendo uma articulação mais fluida e complementar entre os depoimentos. Dessa maneira, tornou-se possível evidenciar convergências e contrastes nas perspectivas apresentadas, enriquecendo a análise qualitativa dos dados coletados.

Figura 5 - Edição do material.



Fonte: Captura de tela realizada por Luiz Farias enquanto realizava a edição.

Edição do material após a decupagem e escrita do roteiro utilizando o programa de edição CapCut.

Luiz Farias: Decupagem e pós-produção.

² Storytelling refere-se à técnica de construção e comunicação de narrativas estruturadas, que utilizam elementos como personagens, enredo e contexto para engajar o público, facilitar a compreensão e promover a transmissão eficaz de informações ou valores (SIMMONS, 2006).

6 MUSEU VIVO: QUEM FAZ NOSSA HISTÓRIA?

6.1 ANDRÉ SANTOS

André Santos atua como curador do Museu Homem do Curimataú desde 2011, sendo responsável por um trabalho contínuo de preservação e valorização da memória histórica da região. Natural de Cuité, no interior da Paraíba, dedica-se à pesquisa e à documentação de manifestações culturais, com ênfase nas experiências sociais, econômicas e simbólicas do Curimataú paraibano.

Sua trajetória no campo museológico está fortemente vinculada ao compromisso com a educação patrimonial e à promoção do acesso ao conhecimento histórico por meio de exposições e acervos temáticos. Seu trabalho contribui para a construção de narrativas que fortalecem as identidades locais e regionais, priorizando o protagonismo das populações sertanejas.

Além de sua atuação como curador e pesquisador, André também se destaca na produção poética. Sua escrita revela sensibilidade estética e profunda conexão com o cotidiano do interior, tratando temas como memória, ancestralidade e pertencimento com lirismo e consciência social. Na convergência entre história e literatura, sua obra expressa não apenas uma visão crítica da realidade, mas também uma valorização afetiva do território e de suas múltiplas vozes.

6.2 ISRAEL ARAÚJO

Israel Araújo é diretor do Museu Homem do Curimataú e servidor do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande (CES/UFCG), campus Cuité. Atua como historiador, com trajetória voltada à preservação da memória regional e à valorização das culturas do semiárido paraibano.

Graduado em História, Israel desenvolve projetos e ações voltadas à educação patrimonial, à curadoria de acervos e à articulação entre universidade, museu e comunidade. No comando do Museu Homem do Curimataú, tem se destacado pela promoção de iniciativas interdisciplinares que aproximam o público do patrimônio cultural da região, fortalecendo a identidade local e o diálogo entre saberes acadêmicos e populares.

Sua atuação conjuga prática museológica, pesquisa histórica e compromisso com a difusão do conhecimento, consolidando-o como um agente cultural na cena paraibana.

6.3 EDUARDO FARIAS

Eduardo Farias é historiador, formado pela Universidade Estadual da Paraíba e professor da rede estadual de ensino. Natural de Cuité, se destaca também como ator, entusiasta do audiovisual e agente cultural, e se dedica à promoção e valorização da cultura local da região do Curimataú.

Na área da educação, Eduardo alia sua formação acadêmica a uma abordagem crítica e interdisciplinar, buscando aproximar o ensino de História das vivências e contextos dos estudantes. Seu trabalho enfatiza a valorização das narrativas locais, a memória social e as identidades culturais regionais, contribuindo para a formação de uma consciência histórica e cidadã entre os jovens da rede pública.

Além da docência, atua na cena cultural por meio do teatro e do audiovisual, participando de produções que valorizam as tradições, histórias e expressões artísticas do interior paraibano. Seu envolvimento com essas linguagens artísticas reflete uma perspectiva pedagógica, entendendo a arte como ferramenta para a reflexão crítica e o fortalecimento da identidade regional.

Como agente cultural, Eduardo está diretamente engajado na organização e execução de eventos, oficinas, saraus e outras atividades que promovem o acesso à cultura e incentivam a participação popular. Por meio dessas iniciativas, contribui para o fortalecimento da cena cultural local, ampliando o diálogo entre educação, arte e comunidade.

Sua trajetória representa a integração entre o campo acadêmico, artístico e social, consolidando Eduardo Farias como uma figura importante na promoção da cultura e da memória do Curimataú paraibano.

7 DETALHAMENTO TÉCNICO

As gravações das cenas que compõem o documentário foram realizadas por Luiz Farias e Ingrid Souto. Para a produção audiovisual, foram utilizados os seguintes equipamentos: uma câmera DSLR Canon Rebel T6, acompanhada de uma lente Canon EF-S 50mm. A captação sonora foi realizada com o uso de um microfone de lapela Ulanzi J12, proporcionando melhor qualidade no registro das entrevistas.

Em relação à iluminação, optamos por soluções alternativas e acessíveis, a fim de atender às demandas da produção independente. Utilizou-se um abajur como fonte principal de luz e um bastão de LED Luxceo Q508A como luz de preenchimento, garantindo melhor definição visual das cenas em ambientes internos.

A edição do material foi realizada por meio do programa CapCut, cuja versão premium foi adquirida com o intuito de assegurar maior qualidade visual e sonora, além de recursos avançados de montagem e finalização. Essa aquisição foi o único gasto relacionado ao projeto, nos custando R\$32,90 (trinta e dois reais e noventa centavos).

A escolha da trilha sonora no produto midiático apresentado foi pensada de forma criteriosa, visando intensificar a carga emocional da narrativa e promover uma identificação mais profunda com o público. Para garantir o uso legal das músicas, optou-se por faixas disponíveis na Biblioteca de Áudios do YouTube Studio Creator, evitando possíveis conflitos com direitos autorais. Inicialmente, a canção escolhida para encerrar este produto foi “Paraíba Jóia Rara”, de Ton Oliveira, em razão de sua forte expressão de pertencimento e afeto à identidade paraibana. Contudo, diante de limitações legais relacionadas aos direitos da obra, decidiu-se pela sua não inclusão na versão final do material.

Por fim, o documentário possui duração total de 12 minutos, tempo considerado suficiente para apresentar de forma objetiva e sensível os principais aspectos abordados, sem comprometer a fluidez da narrativa nem a atenção do público-alvo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário "*Onde a História Mora*" constitui-se como uma experiência formativa que ultrapassa a dimensão técnica da produção audiovisual. Seu valor reside na escuta atenta, na construção de vínculos simbólicos com o território e na articulação entre conhecimento acadêmico e narrativas locais. Ao aproximar a linguagem jornalística da função social da memória, o projeto reafirma o papel do comunicador como agente de mediação entre o saber científico e o cotidiano das comunidades.

Mais do que uma representação³ do Museu Homem do Curimataú, esta produção se propôs a tensionar o modo como a história é contada, registrada e percebida no interior paraibano. O Museu, enquanto espaço de convergência entre passado e presente, revela-se não apenas como um repositório de objetos, mas como lugar de fala e de escuta, onde a memória coletiva se refaz continuamente a partir das vivências dos sujeitos que o habitam.

Ao investir na linguagem documental como estratégia de mobilização afetiva e crítica, a proposta rompe com a lógica tradicional, assumindo uma postura ativa diante da preservação cultural. Isso se evidencia na escolha dos entrevistados, na ambientação das falas e na valorização de experiências pessoais como fontes legítimas de conhecimento.

Nesse processo, o audiovisual cumpre um papel que vai além da estética e da informação: tornou-se ferramenta de intervenção simbólica, promovendo reflexões sobre pertencimento, identidade e continuidade histórica.

É necessário destacar também o aspecto colaborativo da produção, que envolveu o engajamento direto de sujeitos ligados ao museu e a história local, dando aos cuitenses local de fala sobre sua própria história. Essa participação não apenas legitima o conteúdo apresentado, mas reforça a importância de construir representações que não falem *sobre*, mas *com* a comunidade retratada.

Este documentário apresenta importantes possibilidades de desdobramento que podem ampliar seu impacto social e cultural. Entre as ações planejadas, destaca-se a submissão ao Curta Cuité, festival local que valoriza produções audiovisuais regionais e aproxima o público das narrativas do interior paraibano. Além disso, pretende-se realizar uma exibição aberta no Museu Homem do Curimataú, fortalecendo a conexão entre o espaço e a comunidade, tornando o museu um ambiente ainda mais vivo e presente. Também se prevê a utilização do

³ Stuart Hall (1997) entende representação como o processo pelo qual os significados são produzidos e trocados por meio da linguagem, imagens e símbolos dentro de uma cultura. Para Hall, representar não é simplesmente refletir a realidade, mas sim construir significados, sendo um ato ideológico que envolve poder e disputa simbólica. A representação molda a forma como entendemos o mundo e a nós mesmos, influenciando identidades e relações sociais.

documentário como recurso pedagógico, com sua exibição nas escolas da cidade, contribuindo para a sensibilização dos estudantes sobre a história e a identidade local. Essas iniciativas reforçam o caráter do audiovisual como ferramenta de mediação cultural e educativa, consolidando o projeto como um instrumento que dialoga diretamente com a memória coletiva e o fortalecimento dos vínculos comunitários no Curimataú.

Por fim, este trabalho deixa como contribuição a compreensão de que projetos audiovisuais comprometidos com a realidade social e cultural em que se inserem são capazes de produzir conhecimento, estimular a valorização do patrimônio local e fortalecer os laços entre memória, identidade e comunicação. O documentário, enquanto produto e processo, reafirma que contar a história do outro é, também, uma forma de ampliar o próprio horizonte ético e político do fazer jornalístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIS, Anthony Q. **Silêncio: filmando!:** um guia para documentários com qualquer orçamento, qualquer câmera e a qualquer hora. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FONSECA, Maria Teresa Azevedo de. **Realização e recepção:** um exercício de leitura. Comunicação & Educação, São Paulo, n. 12, p. 35–42, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Cintia Fridman. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Tradução de Alessandra V. Lopes e Maria Helena P. Franco. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2010.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Revista Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução de Luciano Vieira Machado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história.** Tradução de Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SIMMONS, Annette. **The Story Factor:** Inspiration, Influence, and Persuasion through the Art of Storytelling. New York: Basic Books, 2006.